

Édipo Rei

(Sófocles)

Personagens

Édipo
Um Sacerdote
Creonte
Coro de Velhos Tebanos
Tirésias
Jocasta
Um Mensageiro (de Corinto)
Um Servo de Laio
Um Arauto

(A ação decorre à entrada do palácio real de Tebas)

Resumo da Peça

A tragédia *Édipo Rei*, considerada por muitos a mais perfeita obra de teatro de todas as literaturas, apresenta um dos episódios da vida de Édipo. Filho de Laio e de Jocasta, reis de Tebas, anunciara o oráculo a seus pais que Édipo mataria o pai e se casaria com a mãe; para evitarem esta desgraça mandaram por o menino numa serra deserta; um pastor levou-o consigo e entregou-o a Políbio, rei de Corinto, que tratou a criança como se fosse seu filho. Édipo, já homem, consultou o oráculo e, vendo o que lhe profetizava, saiu de Corinto para não matar Políbio; na viagem encontrou Laio e assassinou-o sem saber de quem se tratava; depois passou por Tebas e decifrou o enigma da Esfinge, libertando a cidade do monstro; reconhecidos pelo serviço que lhes prestara, os tebanos deram-lhe o trono, vago pela morte de Laio; para mais se ligar à sua nova pátria, Édipo casou com Jocasta.

A ação da peça principia no momento em que Tebas é devastada por uma peste, indignados os deuses pelos crimes de Édipo – que, de resto, lhes não poderia fugir por que eram fatais -, e termina pelo exílio do rei. Tudo que há entre uma e outra cena é constituída por episódios que revelam pouco a pouco o procedimento de Édipo e que são exatamente provocados pelo próprio rei; esta esmagadora fatalidade, este necessário progredir para a catástrofe, são apresentados por Sófocles como uma admirável arte de composição.

ÉDIPO - *(surgindo à entrada do palácio e dirigindo-se à multidão aterrorizada pela peste que grassa na cidade)* Ó meus filhos, ó novos descendentes do antigo Cadmo, por que razão estais assim, diante de mim, com esses ramos de suplicante? Toda a cidade está cheia de incenso, toda a cidade está cheia de treno e de lamentações! E achei, meus filhos, que não deviam ser outros a informar-me, que devia vir eu mesmo, eu, o Édipo célebre entre todos os homens. Vamos, fala tu, ó velho, porque é conveniente que fales tu em nome deles. Que há então? Que esperança e que receio vos trouxe aqui? Estais seguros de vos hei de socorrer; seria um homem sem piedade se não me comovesse essa vossa atitude.

SACERDOTE - *(destacando-se da multidão)* Ó Édipo, ó senhor da minha terra natal, aqui nos vêis prostrados diante dos altares; aqui estamos todos, cheios de anos, eu próprio, servo de Zeus e a flor dos nossos jovens. O resto da gente, com os seus ramos de suplicantes, ficou na Ágora, diante dos dois templos de Palas e da cinza fatídica do Ismeno. Bem o vêis, ó senhor: a cidade, batida pela tempestade, já não levanta a fronte acima das espumas sangrentas; morrem os frutos da terra ainda encerrados nos rebentos, adoecem as manadas de bois e não vêm a luz os germes concebidos nos ventres das mulheres. A Peste, a mais odiosa de todas as Deusas, brandiu seu facho, lançou-se sobre a cidade e devastou as moradias de Cadmo. O negro Hades se enriquece com os nossos gemidos e as nossas lamentações. E aqui vimos, eu e meus filhos, à tua porta, não porque nos pareças igual aos deuses, mas porque, nos males que a vida traz e naqueles que infligem os Deuses irritados, tu és para nós o primeiro dos homens; foste tu quem, ao chegar à cidade de Cadmo, nos libertou do tributo que pagávamos à cruel Esfinge, sem que te tivéssemos prevenido, sem que te tivéssemos informado. Decerto um deus te ajudou a salvar-nos a vida. Todos o julgam, todos o crêem. E agora, Édipo, a ti, o mais poderoso dos homens, a ti vimos, como suplicantes, para que dêis remédio ao nosso mal, quer te instrua um oráculo divino, quer te aconselhe um homem; sei bem que os bons conselhos dão como fruto os feitos bons. Restitui à cidade a sua antiga glória, e cuida também da tua, tu que és o melhor dos homens! Toda a terra se lembra dos teus primeiros serviços e te pede de novo que a salves. Oxalá não tenhamos que dizer, pensando nos teus dias de poderio, que, libertos por ti, outra vez nos perdemos. Restaura a cidade e tranqüiliza-a; já um dia por feliz destino, tu nos salvaste; faze hoje o mesmo; se ainda governas a nossa terra, mais vale que esteja cheia de gente que deserta; torres ou navios, por maiores que sejam, nada valem se estiverem sem homens.

ÉDIPO - Ó meu pobres filhos! Bem sei, bem conheço aquilo que vindes implorar; bem sei de que mal todos sofrem; mas as dores que vos afligem, sejam elas quais forem, nada valem em comparação com as minhas; cada um de vós sofre por si mesmo, sem sentir o mal dos outros, e eu tenho de me lamentar, ao mesmo tempo, pela cidade, por vós e por mim. Sabei que me não acordastes de nenhum sono; bastante tenho chorado, bastantes inquietações e pensamentos tenho agitado no meu espírito; e já tentei o único remédio que encontrei nas minhas reflexões. Já enviei a Delfos, à morada de Febo, o filho de Meneceu, Creonte, meu cunhado, para saber com que palavras ou ações poderei salvar esta cidade; tenho contado um por um os dias que passaram desde a sua partida; e já estou inquieto; a sua ausência vai além do que seria natural. Mas quando ele vier, que todos me tratem como um homem abominável, se eu não executar o que o deus tiver ordenado!

SACERDOTE - Bem a propósito foram as tuas palavras; anunciam-me que Creonte chega.

(Aparece Creonte)

ÉDIPO - Ó Apolo, ó Senhor! Oxalá seja tão propício o teu oráculo como alegre é a tua face!

SACERDOTE - Efetivamente bem podemos crer que vem contente; de outro modo não teria cingido a fronte com folhas e os frutos do loureiro.

ÉDIPO - Vamos já sabê-lo, porque já está à distância de o ouvirmos. Senhor meu parente, filho de Meneceu, que resposta do deus nos trazes tu?

CREONTE - Uma excelente resposta. Há coisas decerto bem difíceis de fazer; mas acho que são boas, se forem bons os resultados.

ÉDIPO - Qual é o oráculo? É que as tuas palavras não nos dão nem confiança nem receio.

CREONTE - Se quiseres que eles ouçam, estou pronto a falar; se não quiseres, entremos no palácio.

ÉDIPO - Fala diante de todos. Mais me preocupam os seus males do que os temores pela minha vida.

CREONTE - Direi, pois, o que me disse o deus. Ordena-nos Apolo que apaguemos a mancha que alastrou na nossa terra, que a façamos desaparecer, em lugar de a deixarmos aumentar, devemos recear que se torne inexpiável.

ÉDIPO - E de que espécie é esse mal? Que expiação?...

CREONTE - Expulsando um homem dos nossos territórios ou vingando o crime com outro crime, porque é um crime que está arruinando a cidade.

ÉDIPO - Contra que homem foi cometido o crime que fala o oráculo?

CREONTE - Senhor, foi contra Laio, outrora rei de nossa terra, antes de tu seres o chefe da cidade.

ÉDIPO - Já ouvi falar disso; eu nunca o vi.

CREONTE - O oráculo ordena claramente que sejam castigados os que assassinaram esse homem.

ÉDIPO - Em que terra estão? Com se há de encontrar qualquer vestígio desse crime tão antigo?

CREONTE - Diz o oráculo que há vestígios na cidade. Só se encontra o que se busca; o que nos é indiferente, de nós foge.

ÉDIPO - Mas dize-me Creonte: foi nos campos, foi aqui, ou foi em terra estranha que Laio foi morto?

CREONTE - Dizem que partiu para consultar o oráculo e que nunca mais voltou ao seu palácio.

ÉDIPO - E não houve nenhum mensageiro, não houve nenhum dos seus companheiros que tivesse visto e possa contar como tudo se passou?

CREONTE - Todos morreram, exceto um que fugiu cheio de terror e de tudo o que viu só uma coisa revelou.

ÉDIPO - Que foi? Bastava um pormenor para descobrirmos o resto; bastava um leve raio de esperança.

CREONTE - Disse que foram uns ladrões que assaltaram Laio e que ele foi morto não por um só, mas por muitos ao mesmo tempo.

ÉDIPO - Mas teria um ladrão tão grande audácia, se lhe não tivessem pago o feito?

CREONTE - Foi do que se suspeitou, mas não houve ninguém, meio dos nossos males, que se tivesse erguido para vingar a morte de Laio.

ÉDIPO - E que males foram esses que impediram que se investigasse sobre a morte do rei?

CREONTE - A Esfinge, com suas manhas e palavras, obrigou-nos a deixar o certo pelo presente.

ÉDIPO - Pois bem; eu esclarecerei a origem de tudo. Foi digno de Tebas e digno de ti terem-se importado com a morte do rei; por isso vos hei de ajudar a vingar o deus e a cidade. De resto, não é por um inimigo longínquo, é por mim próprio que hei de castigar este crime. Quem matou Laio poderia matar-me a mim com a mesma audácia; indo por ele, por mim vou. Vamos, meus filhos, levantai-vos daí do limiar e levai os vossos ramos de suplicantes. Vá outro chamar a Ágora o povo de Cadmo, porque eu tudo tentarei. Ou somos felizes, com a ajuda do deus, ou estaremos todos perdidos.

SACERDOTE - Levantemo-nos, meus filhos, já que ele nos promete aquilo porque viemos. Oxalá Febo, que nos mandou este oráculo, seja o nosso salvador e nos livre dos nossos males!

(Édipo retira-se, acompanhado de Creonte. A multidão dispersa, precedida do Sacerdote. Entra o coro)

CORO - Ó harmoniosa palavra de Zeus, vinda da rica Delfos para a ilustre Tebas! Treme meu peito e o terror o agita, É Péon Délio! Receio saber o que farás por mim, ou hoje mesmo, ou na volta dos tempos. Dize-me tu, ó filha da Esperança de ouro, ó voz imortal! A ti convoco em primeiro lugar, ó filha de Zeus, ó celeste Atena, com tua irmã Artemísia, protetora da terra, que em trono glorioso se senta a meio da Ágora, e com Febo que ao longe atira os dardos. Vinde a mim, vós os três que sanais todos os males; já uma vez, quando a desgraça caiu sobre a cidade, extinguistes o fogo impetuoso; vinde agora de novo!

Ó deuses! Sofro males sem número; todo o meu povo morre e nada há no pensamento que o possa socorrer. Os frutos desta terra famosa já não amadurecem, nem tem filhos as mulheres, que sentem dores terríveis; e um após o outro, com as rápidas aves, com mais ardor que o indomável fogo, precipitam-se os homens para as praias do Deus dos Infernos.

Esgotam a cidade os funerais inúmeros; os mortos que e si lamçam a morte jazem pelo chão, sem que ninguém os chore; as noivas e as mães de cabelos brancos, prostradas pelos degraus de todos os altares, pedem com gritos e soluços que dêem fim às desgraças deploráveis. Os trenos e o queixoso rumor dos lamentos levantam-se e redobram. Ó áurea filha de Zeus, manda-nos o teu auxílio poderoso.

Obriga-nos a fugir, a estes Ares pestífero, que, sem as armas de bronze, agora nos consome, sobre nós se lançando com grandes clamores. Expulsa-o da pátria, ou para o vasto leito de Anfitrite, ou para as inóspitas margens do mar da Trácia. Ao que a noite poupou o dia acaba. Ó Zeus, nosso Pai, Senhos dos fuzis esplendorosos, destrói-o com teus raios!

Rei Lício, vem tu em nossa ajuda e lança com teu arco de oiro as flechas invencíveis! Surjam os fachos flamejantes com que Artemísia percorre os montes Lícios! E invoco o deus epónimo desta terra, o deus da mitra de oiro, Baco Évio, o deus da face purpurina, o companheiro das Ménades, para que venha também, brandindo o seu facho ardente, contra este deus desprezado por todos os deuses!

ÉDIPO - (*reaparecendo*) Suplicas aos deuses, e eles te concederão o que pedes, um remédio, um refrigério para teus males, se quiseres escutar-me e agir contra esta calamidade. Falarei com uma pessoa estranha ao oráculo e ao crime cometido; não poderei averiguar coisa alguma se não me derem qualquer indicação. E agora, eis que vos tenho a dizer, cidadãos de Cadmo, eu, o último a chegar aqui depois de tal acontecimento: se há algum entre vós que saiba que homem matou Laio, filho de Lábdaco, eu lhe ordeno que me revele tudo; se teme ou recusa acusar-se, que saia são e salvo desta terra! Não sofrerá de minha parte nenhum outro castigo. Se alguém sabe que foi um estrangeiro que cometeu o crime, que não cale o seu nome, porque eu o recompensarei e ainda lhe ficarei reconhecido. Mas se vos calardes, se algum dentre vós, receando por si ou por um amigo, não se importar com as minhas palavras, ficai sabendo que ordeno que esse homem não seja acolhido por nenhum habitante desta terra em que possuo o poder e o trono; que ninguém o hospede, nem o admita às súplicas e aos sacrifícios aos deuses, nem o banhe com a água lustral; que todos o afastem de suas casas, que seja para todos nós um ser impuro, tal qual o declarou o oráculo do deus Pítio. Assim venho em auxílio do deus e do morto. Maldição sobre o assassino desconhecido, quer tenha cometido sozinho o crime, quer outros o tenham ajudado! Que as desgraças lhe consumam a vida! Que eu próprio sofra os males que as minhas imprecações chamam sobre ele, se voluntariamente o receber no meu palácio! Ordeno-vos que assim procedais, por amor e mim, por amor do deus, por amor desta terra abandonada e estéril. Mesmo que o oráculo o não tivesse ordenado, eu não deixaria sem castigo o assassino desse homem valente, desse rei que mataram; tínhamos de procurá-lo. Como é meu o poder que ele tinha antes de mim, como desposei sua própria mulher para dela ter filhos, como trataria como meus os filhos que ele tivesse deixado, como a sorte terrível se abateu sobre ele, procederei como se fosse meu pai e tudo farei para prender o assassino do filho de Lábdaco, do descendente de Polidoro, de Cadmo e do velho Agenor. Quanto àqueles que não obedecerem às minhas ordens, rogo aos deuses que não tenham nem colheitas das terras, nem filhos das mulheres, e que morram do

mal que nos mata ou doutro pior ainda. E vós, Cadmeios, que aprovais, oxalá vos ajudem a Justiça e todos os deuses propícios!

CORO - Senhor, as tuas imprecações obrigam-me a falar: não matei nem sei quem matou. Compete a Febo, que proferiu este oráculo, dizer quem cometeu o crime.

ÉDIPO - O que dizes é justo, mas nenhum homem pode obrigar os deuses a fazer o que não querem.

CORO - Vou juntar segundo pensamento àquele que exprimi.

ÉDIPO - E terceiro, se quiseres. Não hesites.

CORO - Sei, Senhor, que Tirésias, como Febo, revela a verdade a quem o interroga.

ÉDIPO - Já pensei nele, já lhe enviei, a conselho de Creonte, dois mensageiros. Admiro-me até que ainda não tenha chegado.

CORO - Tudo o mais que se diz é já velho e falso.

ÉDIPO - Que se diz então? Preciso de saber tudo.

CORO - Conta-se que Laio foi morto por alguns viandantes.

ÉDIPO - Já ouvi falar nisso; mas ninguém presenciou o feito.

CORO - Se o assassino ainda tem algum temor não poderá suportar as imprecações terríveis que lançaste.

ÉDIPO - Quem não teme cometer um crime, também não se deixa aterrorizar por palavras.

CORO - Eis aí vem quem o há de descobrir. Tragaram para aqui o divino profeta; só ele, dentre todos os homens, conhece a verdade.

(Conduzido por uma criança surge Tirésias, velho, cansado, cego)

ÉDIPO - Ó Tirésias, tu que compreendes todas as coisas, as lícitas e as ilícitas, as do céu e as da terra, bem sabes, embora privado da luz dos olhos, de que mal sofre a cidade; e só a ti encontramos para nos proteger e nos salvar. Com efeito, Febo – e já talvez estes to tivessem dito – respondeu aos nossos enviados que a única maneira de nos livrarmos da doença era matar os assassinos de Laio ou exilá-los da cidade. Não nos recuses os augúrios das aves nem as outras adivinhações; salva a cidade, salva-te a ti próprio e a mim; lava esta impureza que ficou pela morte do homem que mataram. De ti depende a nossa salvação; não há tarefa mais gloriosa para um homem do que por a sua ciência e o seu poder ao serviço dos outros homens.

TIRÉSIAS - Ai de mim! Como é terrível saber, quando o saber é inútil. Tudo sabia, e tudo esqueci; de outro modo, não teria vindo.

ÉDIPO - Que é isso? Pareces-me cheio de tristeza.

TIRÉSIAS - Manda-me voltar para casa. Se me obedeceres melhor será, para ti e para mim.

ÉDIPO - O que dizes não é justo, nem bom para a cidade que te sustentou, se recusares revelar o que sabes.

TIRÉSIAS - Sei que estás a falar contra ti próprio, e temo o mesmo perigo para mim.

ÉDIPO - Em nome dos deuses! Não me escondas o que sabes. Todos nós nos prosternamos diante de ti e te suplicamos...

TIRÉSIAS - Estais todos loucos. Não, não provocarei a minha desgraça, e a tua.

ÉDIPO - Que dizes? Sabes tudo e não queres falar? Tens então o intuito de nos trair e de perder a cidade?

TIRÉSIAS - Nem a ti nem a mim eu quero esmagar de dor. É em vão que me interrogas. De mim nada saberás.

ÉDIPO - Nada, miserável, nada! Serias bem capaz de enfurecer um coração de pedra. Não há em ti senão dureza e inflexibilidade.

TIRÉSIAS - Lanças-me em rosto a cólera que excito, mas ignoras a que hás de excitar nos outros. E ainda me censuras!

ÉDIPO - Quem não há de irritar-se ao ouvir-te proferir as palavras que só exprimem desprezo pela cidade?

TIRÉSIAS - Tudo o que tem de suceder sucederá, apesar do meu silêncio.

ÉDIPO - Pois se tem de suceder bem mo poderias revelar.

TIRÉSIAS - Nada mais direi. Podes, se quiseres, abandonar-te à mais violenta das cóleras.

ÉDIPO - Tão grande é o furor que sinto que não deixarei de declarar todas as minhas suspeitas. Ficarás sabendo, pois, que me parece que tomaste parte no crime, que o cometeste mesmo, embora não tenhas sido o assassino; se não fosse cego, só a ti acusaria da morte.

TIRÉSIAS - Ah! Sim? Então vou ordenar-te que obedças ao decreto que promulgaste e que, de hoje por diante, não fales a nenhum destes homens, nem a mim, porque és tu o ímpio que mancha a nossa terra.

ÉDIPO - Como ousas tu falar-me com essa imprudência? Julgas que escaparás sem castigo?

TIRÉSIAS - Não tenho medo algum. Tenho comigo a força da verdade.

ÉDIPO - Quem te disse isso? Não foi decerto o teu saber.

TIRÉSIAS - Foste tu, foste tu quem me obrigou a falar.

ÉDIPO - O quê? Repete o que disseste, a ver se compreendo melhor.

TIRÉSIAS - Ainda não compreendeste? Estás-me a tentar, para que fale ainda mais?

ÉDIPO - Não compreendo bem o que disseste. Repete.

TIRÉSIAS - Digo que és tu próprio o assassino que procuras.

ÉDIPO - Não me insultarás impunemente pela segunda vez.

TIRÉSIAS - Queres que fale mais, para mais te irritar?

ÉDIPO - Dize o que quiseres. Tudo será inútil.

TIRÉSIAS - Então direi que te uniste vergonhosamente e sem o saber aos que te são mais queridos e que nem pressentes o perigo em que estás.

ÉDIPO - Contas com a impunidade?

TIRÉSIAS - Decerto, se a verdade ainda tem alguma força.

ÉDIPO - Sem dúvida que tem, mas não por ti; não por ti, que és cego dos olhos, do ouvido e do espírito.

TIRÉSIAS - Ó infeliz! Insultas-me com as mesmas palavras com que os outros te hão de insultar dentro de pouco tempo.

ÉDIPO - Andas perdido na noite eterna e não me podes ofender a mim, nem a nenhum dos que vêm a luz.

TIRÉSIAS - Não está no teu destino que seja eu a abater-te. É tarefa de Apolo; é cuidado que lhe cabe.

ÉDIPO - Isso foi inventado por ti ou por Creonte?

TIRÉSIAS - Não é Creonte a causa do teu mal; tu próprio és o teu inimigo.

ÉDIPO - Ó riqueza, ó poder, ó glória de uma vida célebre pela ciência e por tantos trabalhos, quanta inveja excita! Por este poder que a cidade me entregou sem que eu lho tenha pedido, engendra Creonte, o inimigo fiel desde início, intrigas secretas contra mim e trabalha por me derrubar, comprando este mentiroso, este artífice de enganos, este impostor que só pensa no ganho e só é cego na sua arte. Vamos, dize-me lá em que te mostras-te bom adivinho. Por que razão não encontraste nenhum meio de salvar os cidadãos, quando ela aí estava, essa cadela, com as suas palavras obscuras? Não era um

homem qualquer que tinha obrigação de explicar o enigma, mas sim os adivinhos. Nada fizeste, nem pelos augúrios das aves, nem por uma revelação dos deuses. E fui eu, Édipo, que chegava sem nada saber, quem venceu a Esfinge pela agudeza do espírito e sem auxílio das aves dos augúrios. E é esse homem que tentas derrubar, com a esperança de te sentares no mesmo trono, junto de Creonte. Mas bem creio que vos tereis de arrepender, tu e o homem que concebeu expulsar-me da cidade como a um ímpio. Se me não parecesse que a velhice te tornou insensato, verias num instante o que custam tais projetos.

CORO - Pelo que nos parece, ó Édipo, as tuas palavras e as dele estão cheias de ardente cólera. Não é disso que temos de tratar. Mas de saber como havemos de executar o melhor possível o oráculo do deus.

TIRÉSIAS - Tu possuis o poder da realeza, mas eu tenho o direito de te responder como igual; efetivamente, não é a ti que estou submetido, mas a Lóxias, e jamais serei um servidor de Creonte. Censuraste-me a cegueira, e eu dir-te-ei que não consegues ver com os teus olhos os males que te cercam, nem com quem vives, nem em que palácio. Sabes quem foram os teus pais? Desconheces que és o inimigo dos teus, dos que já estão debaixo da terra e dos que ainda vivem sobre ela. Um dia teu pai e tua mãe te hão de execrar ao mesmo tempo e te hão de expulsar desta cidade. Hoje vês, um dia serás cego. Onde se não ouvirão os teus gemidos? Em que lugares do Citero não ressoarão os teus lamentos, quando souberes das núpcias já realizadas e do porto fatal a que foste levado, depois de feliz navegação? Não vês as desgraças sem número que farão de ti um teu igual e o igual dos teus filhos. E agora insulta-nos quanto quiseres, a Creonte e a mim; de todos os mortais, nenhum sofrerá mais misérias do que tu.

ÉDIPO - Quem poderá suportar tais palavras? Vai daqui, miserável! Sai deste palácio! E não voltes!

TIRÉSIAS - Não teria vindo se não me tivesses chamado.

ÉDIPO - Não sabia que falarias como um louco; se o soubesse, não teria pedido que viesses ao meu palácio.

TIRÉSIAS - Pareço-te louco, mas tinham-me por avisado aqueles que te deram o ser.

ÉDIPO - Espera! Quem são? Quais foram os mortais que me geraram?

TIRÉSIAS - Este dia de hoje te fará nascer e te fará morrer.

ÉDIPO - Todas as tuas palavras são obscuras e incompreensíveis.

TIRÉSIAS - Não és tão hábil em compreender estas obscuridades?

ÉDIPO - Censuras-me o que me fará ilustre.

TIRÉSIAS - Foi exatamente o que te perdeu.

ÉDIPO - Libertei esta cidade e não me arrependo do que fiz.

TIRÉSIAS - Vou-me embora. Guia-me tu, meu filho.

ÉDIPO - Sim, que te guie e te leve. A tua presença só me perturba e me embaraça. Já não me pesarás longe daqui.

TIRÉSIAS - Vou-me embora; mas hei de dizer primeiro por que razão vim aqui, sem recear a tua presença, porque nunca me poderás fazer mal. O homem que procuras, que ameaças com tuas ordens por causa da morte de Laio, esse homem está aqui; dizem-no estrangeiro, mas dentro em pouco saberás que é de Tebas, o que pouca alegria lhe há de dar; vê a luz e há de tronar-se cego, é rico e há de tornar-se pobre; partirá para terras estranhas; será para todos o irmão de seu próprio filho, o filho e esposo daquela que o gerou, aquele que ocupa o leito de seu pai, depois de o ter matado. Vai tu para o teu palácio, pensa em tudo isto e, se vires que menti, dize então que sou mau adivinho.

(Tirésias retira-se e Édipo reentra no palácio)

CORO - Quem é que o rochedo fatídico de Delfos declara ter cometido com sangrentas mãos o mais abominável dos crimes? É tempo que fuja, mais ligeiro que os cavalos rápidos como o vento, porque o filho de Zeus, armado de fogo e de relâmpagos, vai lançar-se sobre ele, seguido das Ceres inevitáveis e terríveis.

A voz gloriosa, partindo do nevado Parnaso, ordena que se busque o homem que se esconde; erra pelas florestas bravias, pelas cavernas, pelos rochedos, como um touro, e anda vagabundo, o infeliz, miserável e solitário, para escapar ao oráculo saído do centro da terra; mas o oráculo, que não morre, persegue-o por toda a parte.

Horripelmente me perturba este adivinhador de augúrios; não posso afirmar nem negar o que ele disse. Hesito, não sei como falar, fico na incerteza, nada vejo de seguro, nem no presente, nem no passado. Nunca ouvi falar de nenhum desacordo entre os Labdácidas e o filho de Políbio, nunca duvidei da excelente fama de Édipo e de que exista quem vingue o ignorado assassino do filho de Lábdaco.

Zeus e Apolo são sabedores e conhecem as ações dos homens; mas não tenho a certeza de que este adivinho saiba mais do que eu; decerto um homem pode saber mais do que outro; mas, antes que os fatos lhe venham comprovar as palavras, não estarei entre os que condenam Édipo.

Outrora, quando a Virgem alada lhe apareceu diante, manifestou a sua sabedoria e a sua bondade para a nossa terra; é por isso que, não o considerarei culpado.

(Aparece Creonte, perturbado)

CREONTE - Soube, cidadão, que Édipo me dirigiu acusações caluniosas e aqui venho, cheio de uma dor intolerável. Se ele julga que nas desgraças de hoje lhe fiz algum mal, por palavras ou ações, se ele me acusa de tal crime, então já não quero viver mais. Já seria bastante uma tal injúria; mas que enorme fatalidade seria para mim ver-me repellido pela cidade, por vós todos, pelos meus amigos!

CORO - Creio bem que o insulto veio mais da cólera do que da reflexão do espírito.

CREONTE - Como se averiguou que o adivinho mentiu a meu respeito?

CORO - Assegurou-o Édipo, mas não sei com que provas.

CREONTE - Tinhas os olhos serenos, tinha o espírito calmo quando me acusou desse crime?

CORO - Não sei, porque não reparo no que fazem os chefes. Aí vem ele a sair do palácio.

ÉDIPO - Ah! És tu? Que fazes aqui? São tão grandes a tua audácia e imprudência que ousas aproximar-te do palácio, tu que pretendes assassinar-me, tu que pretendes, todos o sabem, roubar-me o trono? Vamos, fala, em nome dos deuses! Já viste em mim algum sinal de cobardia ou demência para que te arriscasses a tal empresa? Esperavas que não descobrisse o plano concebido com tanta manha ou que o descobrisse e me não vingasse? Não é uma loucura quererem tirar-me, só com os teus esforços, sem a ajuda do povo e sem amigos, o poder real que se não pode obter senão pela riqueza e pelo apoio popular?

CREONTE - Sabes o que tens a fazer? Vou responder às tuas palavras. Depois de saberes tudo, darás o teu parecer.

ÉDIPO - Tu falas muito bem, mas eu escuto muito mal; sei bem que me injurias e me tens má vontade.

CREONTE - Mas ouve agora o que tenho a dizer-te.

ÉDIPO - Não me vás afirmar que não és mau.

CREONTE - Bem te enganas se pensas que é boa uma obstinação insensata.

ÉDIPO - E bem te enganas tu, se pensas que ultrajarás sem castigo um teu parente.

CREONTE - Reconheço que o que dizes é justo; mas revela-me o ultraje que te fiz.

ÉDIPO - Aconselhaste-me ou não a enviar um mensageiro ao venerável adivinho?

CREONTE - É ainda o que se me afigura melhor.

ÉDIPO - Há quanto tempo foi que Laio...?

CREONTE - Fez o quê? Não compreendo...

ÉDIPO - ... Foi derrubado com um golpe mortal?

CREONTE - Já foi há muitos, muitos anos.

ÉDIPO - E este adivinho já exercia a sua arte?

CREONTE - Todos o tinham, como hoje, por sábio e honrado.

ÉDIPO - Falou alguma vez em mim nessa altura?

CREONTE - Que eu ouvisse, não.

ÉDIPO - E nunca ninguém fez investigações sobre a morte?

CREONTE - Fizeram-se, sem dúvida. Mas nada se conseguiu apurar.

ÉDIPO - E por que razão o sábio adivinho não disse o mesmo nessa época?

CREONTE - Não sei; é meu costume calar-me a respeito do que não sei.

ÉDIPO - Há uma coisa pelo menos que tu sabes e que vais dizer.

CREONTE - Que é? Não deixarei de a dizer, se souber.

ÉDIPO - Se o adivinho não estivesse combinado contigo não me acusaria de ter matado Laio.

CREONTE - Se ele o disse, tu o sabes. Mas agora quero interrogar-te da mesma maneira por que tu me interrogas a mim.

ÉDIPO - Pergunta o que quiseres. Nunca poderás provar que fui o assassino de Laio.

CREONTE - Dize então: não é minha irmã tua mulher?

ÉDIPO - Não o posso negar.

CREONTE - Não governas juntamente com ela, cada um com metade do poder?

ÉDIPO - Estou sempre de acordo com o que ela pretende.

CREONTE - E não sou igual a vós dois?

ÉDIPO - É por isso, decerto, que te mostras mau amigo.

CREONTE - Não tornarás a falar assim, se te resolveres a pensar razoavelmente, como eu. Vê em primeiro lugar o seguinte: não achas que é preferível, com poder igual, dormir tranqüilo a dar ordens no meio de terrores? Por mim, sem dúvida, gosto mais de fazer o que fazem os reis do que ser eu rei, e todo o homem avisado pensa de igual modo. Com efeito, tudo obtenho de ti sem um receio e, se fosse rei, teria de fazer grande número de coisas contra minha vontade.

Como poderia ser mais agradável reinar do que permanecer poderoso e sossegado? Não sou louco a ponto de desejar outras coisas além dos bens que me dão proveito: hoje todos me honram, todos são meus amigos; os que desejam qualquer coisa de ti lisonjeiam-me, porque está nas minhas mãos conseguirem o que querem. Para que havia eu de perder estas vantagens? Para reinar? Seria uma ambição insensata, digna de um espírito pervertido. Não tenho os desejos que tu julgas e nunca poderia realizá-los com o auxílio de outrem. E a prova é bem fácil de obter. Vai a Delfos e pergunta se não te reproduzi fielmente o oráculo; e, se averiguares que me combinei com o adivinho, mata-me então e por dois votos, o teu e o meu. Mas não me acuses sem provas, porque não é bom decidir temerariamente que os bons são maus e os maus são bons; quem se desfaz de um amigo fiel procede pior, ouve bem, procede pior do que se desfizesse da própria vida, o bem que mais se ama. Com o tempo te convencerás de tudo isto, porque só o

tempo mostra quem é o homem honesto, ao passo que num só dia poderemos reconhecer os perversos.

CORO - Se temes errar, não podes deixar de reconhecer, Senhor, que falou com razão; os que julgam à pressa não julgam seguro.

ÉDIPO - Quando os outros estão prontos a armar-me os enganões, tenho eu de estar pronto e decidir-me; se eu nada fizer, ele realizará os teus planos e os meus serão inúteis.

CREONTE - Que pretendes tu? Expulsar-me da cidade?

ÉDIPO - Não, não te quero exilar; quero que morras.

CREONTE - Está bem, mas só depois de teres provado a acusação que me fazes.

ÉDIPO - Tentas resistir e desobedecer-me?

CREONTE - Já vejo que és um louco.

ÉDIPO - Não o sou no que me diz respeito.

CREONTE - Nem deves sê-lo no que me diz respeito a mim.

ÉDIPO - És um pérfido!

CREONTE - Enganas-te.

ÉDIPO - Em qualquer caso deves-me obediência.

CREONTE - A um mau rei, nenhuma.

ÉDIPO - Ó cidade! Ó cidade!

CREONTE - Também é minha; não te pertence só a ti.

CORO - Suspendei, Senhores. Jocasta vem saindo do palácio; e vem a propósito, para apaziguar o vosso desacordo.

JOCASTA - Ó desgraçados, por que vos empenhais nessa insensata guerra de palavras?! Não vos envergonhais, em terra tão experimentada de desastres, de levantar questões particulares? Vamos, volta para o palácio; e tu, Creonte, vai para tua casa. Não armeis tamanha luta sobre o que nada vale.

CREONTE - Minha irmã: Édipo, teu marido, dispõe-se a tratar-me com toda a crueldade, pela escolha entre duas desgraças, o exílio ou a morte.

ÉDIPO - Confesso que assim é, porque o surpreendi a urdir contra mim uma conjura cheia de pérfidas manhas.

CREONTE - Oxalá não haja para mim mais nenhuma alegria na vida, oxalá morra execrado de todos, se é verdade ter eu cometido o crime de que me acusas!

JOCASTA - Pelos deuses, Édipo, tens de acreditar no que ele assegura e jura em nome dos imortais; tens de o fazer por respeito por mim e por aqueles que estão presentes.

CORO - Consente, Senhor; suplico-te que esteja o teu espírito de acordo com isto.

ÉDIPO - Em que queres tu que eu ceda?

CORO - Respeita quem dantes não era um insensato e agora se protege com a santidade do juramento.

ÉDIPO - Mas sabes tu o que pedes?

CORO - Sei.

ÉDIPO - Dize então tudo o que pensas.

CORO - Não castigues por um crime duvidoso, por um feito incerto, o amigo que um juramento consagrou.

ÉDIPO - Mas fica sabendo que o que pedes é, para mim, a morte ou o exílio.

CORO - Não, decerto! E juro-te pelo deus Hélio, o primeiro dentre todos os deuses! Que eu morra detestado e pelos homens, no meio dos maiores suplícios, se alguma vez pensei em tal! Mas a desgraça da minha pátria mais me fere o coração quando vejo que, por vosso intermédio, novos males se juntam àqueles que já nos atormentavam.

ÉDIPO - Que se retire, pois! Mesmo que eu tenha de perecer ou de ser expulso, com o desprezo de todos, dos territórios da cidade. Foram as tuas palavras, não as dele, que me despertaram a piedade. Mas sempre lhe terei ódio, vá ele para onde for.

CREONTE - És inexorável, até quando cedes. Hás de arrepender-te quando a cólera te passar. As almas como a tua castigam-se a si próprias.

ÉDIPO - Deixa-me. Vai-te.

CREONTE - Pois vou, sem que me reconheças; mas para estes que aqui estão hei de ser sempre o mesmo.

(Abandona a cena)

CORO - Mulher, por que tardas em levar Édipo para o vosso palácio?

JOCASTA - Quero saber primeiramente que disputa era esta.

CORO - Surgiu de palavras obscuras. Uma falsa acusação irrita o espírito.

JOCASTA - Acusavam-se os dois?

CORO - Sem dúvida.

JOCASTA - E que diziam eles?

CORO - O que se passou já é bastante para mim; com tais desgraças na cidade, prefiro ficar onde ficou a questão.

ÉDIPO - Vês o que estás fazendo? Apesar de avisado, enfraqueces-me e despedaças-me a alma.

CORO - Ó Senhor, já o disse e repeti: considerar-me irrefletido e incapaz de bem pensar se me separasse de ti, que dirigiste para o bom caminho a minha pátria querida que já não podia lutar contra o seu mau destino. E agora mesmo te peço que, se podes, a guies com segurança.

JOCASTA - Pelos deuses, Senhor! Dize-me a causa da tua cólera violenta.

ÉDIPO - Vou falar, mais para ti que para eles. Creonte concebeu maus desígnios contra mim.

JOCASTA - Fala então e vê se podes provar, explicando a questão, que acusaste Creonte com justiça.

ÉDIPO - Afirmou que fui eu o assassino de Laio.

JOCASTA - E sabe-o por si ou ouviu-o de outrem?

ÉDIPO - Enviou um miserável adivinho que diz de mim todo o mal que pode.

JOCASTA - Não fales mais de tudo isso que se diz. Escuta as minhas palavras e fica sabendo que a ciência dos adivinhos nada pode prever das coisas humanas; vou provar-te em breves palavras. Outrora um oráculo revelou a Laio, não pelo próprio Febo mas pelos seus sacerdotes, que estava, que estava no seu destino ser morto por um filho que de mim nasceria; e, no entanto, foram ladrões doutras terras quem o matou numa encruzilhada. Quanto à criança, assim que fez três dias, mandou-a ele por, com os pés atados, numa serra deserta. Apolo não conseguiu que fosse o filho o assassino do pai nem que Laio sofresse do filho temia.

Eis como se cumprem os vaticínios fatídicos. Não te importes. O deus descobrirá facilmente o que pretende saber.

ÉDIPO - Ó mulher, como as tuas palavras me puseram a alma inquieta e me agitam o peito!

JOCASTA - Mas que novo cuidado te perturba?

ÉDIPO - Parece-me ter-te ouvido dizer que Laio foi morto numa encruzilhada.

JOCASTA - É efetivamente o que se conta e nunca ninguém o desmentiu.

ÉDIPO - Em que sítio aconteceu isso?

JOCASTA - Na terra a que chamam a Fócida, no ponto em que se encontram as estradas que vêm de Delfos e da Dáulia.

ÉDIPO - Já há muito tempo?

JOCASTA - Tudo isto correu na cidade um pouco antes de te teres tornado o senhor desta terra.

ÉDIPO - Ó Zeus! Que me levaste a fazer?

JOCASTA - Édipo, donde vem esse terror?

ÉDIPO - Não me perguntes mais nada. Dize-me só qual era o aspecto de Laio, qual era a sua idade.

JOCASTA - Era alto, de cabelo já grisalho e o seu rosto parecia-se com o teu.

ÉDIPO - Ai de mim! Creio já que sem saber licei sobre mim próprio imprecções horríveis.

JOCASTA - Que dizes tu, pelos deuses? Tremo até de te olhar, senhor!

ÉDIPO - Aterroriza-me a clarividência desse adivinho. Vais esclarecer-me melhor dizendo-me só mais uma coisa.

JOCASTA - Sinto-me aterrada; mas direi, se souber, aquilo que desejares conhecer.

ÉDIPO - Viajava com um pequeno número de companheiros ou ia com muitos guardas, como costumam os senhores reais?

JOCASTA - Eram cinco e, entre eles, um arauto. Laio ia num carro.

ÉDIPO - Ai! Ai! Tudo é claro agora! Mas quem te contou tudo isso, mulher?

JOCASTA - Um dos criados, o único que voltou são e salvo.

ÉDIPO - Está agora no palácio?

JOCASTA - Não está; logo que regressou e te viu com o poder real depois da morte de Laio, suplicou-me ardentemente, agarrando-se-me às mãos, que o mandasse para os campos apascentar os rebanhos, de modo a estar muito longe da cidade. E eu permiti que fosse, porque, apesar de ser um escravo, era digno de recompensa.

ÉDIPO - É possível ordenar-lhe que volte imediatamente?

JOCASTA - É fácilimo. Mas que te leva a formular esse desejo?

ÉDIPO - Ó mulher, receio que já me tenhas falado demais, e é por isso que quero vê-lo.

JOCASTA - Virá, pois, mas, entretanto, Senhor, acho que tenho o direito de saber o que te entristece a alma.

ÉDIPO - Não o recusarei porque só me resta esta esperança. A quem me hei de confiar senão a ti, numa tal incerteza? Meu pai era Políbio de Corinto, minha mãe Mérope da Dória; e consideravam-me o primeiro dos homens de Corinto, quando me aconteceu uma aventura, extraordinária, na verdade, mas não tanto que me devesse inquietar. Durante um banquete, um homem já bastante embriagado chamou-me enjeitado; dolorosamente ferido pela injúria, mal me contive durante esse dia; no dia seguinte fui ter com meu pai e minha mãe, perguntei-lhes o que havia e ambos se indignaram, com grande contentamento meu, contra aquele que proferira tais palavras. No entanto, o ultraje feria-me a alma porque tinha penetrado bem fundo. Parti, pois, para Delfos sem que o soubessem meus pais, e Febo, sem dar resposta alguma à pergunta que ali me tinha trazido, claramente me predisse outras coisas lamentáveis e terríveis: que casaria com minha mãe, que geraria uma raça odiosa aos homens e que mataria meu pai. Ao saber isto, deixei a terra de Corinto, guiando-me pelos astros, para fugir e me esconder onde não pudesse ver cumprirem-se os oráculos vergonhosos e horríveis; caminhando sempre, cheguei ao lugar onde afirmas que Laio morreu.

Ora vou dizer-te a verdade, mulher. Ia eu não muito longe da encruzilhada, quando vieram ao meu encontro um arauto e um homem com o aspecto que disseste e que ia num carro de cavalos; o cocheiro e o velho quiseram afastar-me violentamente do caminho; cheio de cólera, bati no cocheiro que me empurrava; o velho, quando me viu passar ao lado do carro, aproveitou a ocasião e bateu-me com o chicote na cabeça; não sofreu o mesmo, porque logo, com uma pancada do cajado que levava, o atirei do carro abaixo; e matei também todos os outros. Se esse desconhecido tinha alguma coisa de comum com Laio, a quem execrarão mais os deuses do que a mim? Nenhum forasteiro nem nenhum cidadão me receberá nem falará; todos me expulsarão de suas casas; e sou eu próprio, o assassino, quem macula o leito do morto! Não sou um impuro criminoso, eu que tenho de me exilar, de fugir, sem tornar a ver os meus, sem tornar a por o pé em minha terra natal? Se o fizer, terei de casar com minha mãe e de matar meu pai. Bem razão teria aquele que dissesse que tal destino me foi talhado por um gênio inexorável. Ó deuses sagrados! Oxalá eu não veja esse dia! Oxalá eu desapareça no meio dos mortos antes de me ter manchado com tais horrores!

CORO - Tudo isso, Senhor, nos enche de medo. Mas antes de ouvires quem estava presente não deves desesperar.

ÉDIPO - Ah! Certamente! O pastor é a única esperança de me resta!

JOCASTA - E por que motivo te sentiras seguro depois de o escutares?

ÉDIPO - Vais sabê-lo; se disser o mesmo que tu, estarei livre de todo o mal.

JOCASTA - Que palavras tão importantes ouviste de mim?

ÉDIPO - Disseste que ele te contou que Laio foi morto por ladrões; se agora mesmo se referir ao número de assaltantes, não fui eu o assassino; um só não pode ser confundido com muitos. Mas se disser que só havia um homem, então ficará demonstrado que cometi eu o crime.

JOCASTA - Fica sabendo que foi assim que ele contou o caso e que lhe não será lícito dizer agora o contrário; toda a cidade o ouviu, não eu sozinha. Mesmo que se afaste das primeiras palavras, não dará nenhuma prova, a cremos no oráculo, de que tu cometeste o crime, visto que Lóxias declarou que Laio devia ser morto pela mão de seu filho; ora, a pobre criança não o podia ter matado porque já estava morta. Nenhum adivinho me fará mudar de opinião.

ÉDIPO - É razoável o que pensas; mas manda alguém chamar o escravo; não te esqueças.

JOCASTA - Vou mandar já. Mas entremos no palácio; nada farei que te possa ser desagradável.

(Retira-se com Édipo para o palácio)

CORO - Oxalá que esteja na sorte que me cabe conservar a sagrada honestidade das palavras e dos atos, segundo as leis sublimes que vieram do Céu, segundo as leis que têm o Olimpo única origem, que não foram concebidas pela raça mortal dos homens nem o esquecimento conseguirá adormecer! Há nelas uma grande divindade e jamais a velhice as poderá enfraquecer.

O orgulho gera a tirania; o orgulho, cometidas loucamente mil ações insensatas e más, chega aos cimos mais altos e cai depois no fundo dos destinos donde lhe é impossível escapar-me. Já que o futuro da cidade depende deste combate, rogo aos deuses que o não deixem por decidir. Jamais deixarei de ter o deus por protetor.

Se algum homem manifesta a sua insolência por palavras ou ações, se não venera a justiça, nem os templos dos deuses, oxalá a má sorte o castigue pelos seus prazeres iníquos, se não pretende só ganhos honestos, se não se abstém dos atos ímpios, se, na sua loucura, põe as mãos no que não deve tocar!

Quem se poderia orgulhar de afastar do seu espírito as flechas de coléra? Se se honrassem tais ações, de que nos serviria tomar parte em coros sagrados?

Já não irei venerar o centro sagrado da terra nem o templo de Abas, nem o de Olímpia, se estes oráculos não forem manifestos a todos. Mas, ó Zeus, Senhor nosso, se tu és o verdadeiro chefe de tudo, que nada se esconda do teu poder imortal! Desprezam-se os oráculos que se referem a Laio; Apolo ficará sem as honras esplendorosas e o culto dos deuses desaparecerá para sempre.

(Reaparece Jocasta, acompanhada de algumas escravas)

JOCASTA - Tive eu, senhores desta terra, a idéia de ir aos templos dos deuses, levando na mão este incenso e estas fitas sagradas, porque Édipo tem o espírito perturbado por inúmeras inquietações e não aprecia, como o deve fazer uma pessoa razoável, os oráculos recentes segundo os oráculos passados; só acredita naquele que lhe anuncia catástrofes. Já que o não consigo tranquilizar, a ti venho, Apolo Lício, com estas ofertas, como suplicante, a ti que estás mais perto do nosso palácio, para que tudo isto termine em bem, porque todos nos sentimos sem vontade ao ver cheio de terror o que governa o leme do navio.

(Surge um Mensageiro)

MENSAGEIRO - Dizei-me, ó estrangeiros, onde é a morada de Édipo. Dizei-me mesmo onde ele está, se acaso o sabeis.

CORO - É este o palácio e aí o encontrarás. Essa mulher é a mãe de seus filhos.

MENSAGEIRO - Que sejas feliz e te vejas sempre rodeada de gente feliz, ó venerável esposa de Édipo.

JOCASTA - Que sejas feliz também, ó estrangeiro! Bem o mereces pela bondade das tuas palavras. Dize por que razão vistes e que notícias trazes.

MENSAGEIRO - Notícias felizes para o teu lar e para teu esposo, mulher.

JOCASTA - Quais são elas? Quem te mandou a nós?

MENSAGEIRO - Chego de Corinto e penso que te será agradável aquilo que vou te dizer. Ou talvez não, talvez fique triste.

JOCASTA - Que notícia é esta? Como pode ela ter dois efeitos?

MENSAGEIRO - Diz-se que os habitantes do Istmo vão escolher Édipo para seu rei.

JOCASTA - Isso é verdade? O velho Políbio já não governa?

MENSAGEIRO - Certamente que não. A morte encerrou-o no túmulo.

JOCASTA - Que me dizes tu, velho? Políbio morreu?

MENSAGEIRO - Morto seja eu mesmo, se não é verdade.

JOCASTA - Mulher, entra já no palácio e dá imediatamente esta nova ao teu senhor. Ó oráculos dos deuses, onde estais vós? Édipo receava matar esse homem, fugiu por isso da sua pátria e eis que o destino o levou sem intervenção de Édipo.

ÉDIPO - (*regressando à cena*) Querida Jocasta, por que razão mandaste chamar-me ao palácio?

JOCASTA - Para ouvires este homem e para veres depois no que deram os oráculos verídicos do deus.

ÉDIPO - Que homem? Que me quer ele dizer?

JOCASTA - Vem de Corinto para te anunciar que teu pai, Políbio, já não vive, que teu pai morreu.

ÉDIPO - Que dizes, estrangeiro? Explica-me tu mesmo o que há.

MENSAGEIRO - Já que é preciso falar com a máxima clareza, fica sabendo que Políbio morreu.

ÉDIPO - Por assassinio ou por doença?

MENSAGEIRO - Basta um breve momento para adormecer na morte os corpos dos velhos.

ÉDIPO - O infeliz morreu então de doença?

MENSAGEIRO - Sem dúvida, e depois de uma vida bem longa.

ÉDIPO - Ah! Mulher! Para que nos havemos de inquietar agora com os altares fatídicos de Delfos, com os gritos das aves pelo espaço, com tudo o que me profetizava que eu mataria meu pai? Ei-lo morto, ei-lo enterrado, sem que eu, aqui presente, lhe tenha tocado com a espada. A menos que tenha morrido com saudades minhas, porque então ainda me poderiam acusar de o ter matado. Ah! Políbio passou a outro mundo e levou consigo todos os oráculos falsos.

JOCASTA - Não o tinha eu já dito há tanto tempo?

ÉDIPO - Disseste, de fato, mas eu estava perturbado pelo medo.

JOCASTA - Não te preocupes mais com isto.

ÉDIPO - Também não devo recear o leito nupcial de minha mãe?

JOCASTA - Que pode temer o homem quando o destino tudo governa e toda a previsão é incerta?

O melhor que há a fazer é viver ao acaso. Não temas casar com tua mãe; já muitos homens têm sonhado que casavam com as mães; mas continua sossegado aquele que sabe que os sonhos nada são.

ÉDIPO - Bem de aceitar seriam as tuas palavras se minha mãe não fosse ainda viva; é inútil falares com sensatez; nada atalhará os meus receios.

JOCASTA - A morte de teu pai é uma grande consolação.

ÉDIPO - Grande, decerto; mas minha mãe está viva; tenho medo.

MENSAGEIRO - Que mulher é essa que te inquieta?

ÉDIPO - Mérope, casada com Políbio.

MENSAGEIRO - E que há nela que te atemorize?

ÉDIPO - Um oráculo divino terrível, ó estrangeiro.

MENSAGEIRO - Pode-se dizer? Ou é proibido conhecê-lo?

ÉDIPO - Escuta. Lóxias disse-me outrora que dormiria com minha própria mãe e que derramaria com minhas próprias mãos o sangue de meu pai. Eis a razão por que morei

muito tempo longe de Corinto; e ainda bem, apesar de que me teria sido bem agradável tornar a ver meu país.

MENSAGEIRO - Foi então com medo disso que te exilaste?

ÉDIPO - Não queria ser o assassino de meu pai, ó velho.

MENSAGEIRO - Então vou libertar-te desse terror, porque foi um espírito de benevolência que aqui me trouxe.

ÉDIPO - E hei de dar-te a recompensa merecida.

MENSAGEIRO - Vim sobretudo para que, ao voltares ao teu palácio, me desses essa recompensa.

ÉDIPO - Nunca morarei na casa de meus pais!

MENSAGEIRO - Ó meu filho, é evidente que não sabes o que fazes...

ÉDIPO - Que dizes, velho? Pelos deuses! Esclarece-me!

MENSAGEIRO - ... Se foges do palácio por causa de teus pais.

ÉDIPO - Receio que Febo tenha sido verdadeiro no que me respeita.

MENSAGEIRO - Temes alguma impiedade por causa de teus pais?

ÉDIPO - É isso mesmo o que não deixa de aterrorizar-me.

MENSAGEIRO - Não sabes que não há nenhum motivo de receio?

ÉDIPO - Porquê? Se sou filho dele...

MENSAGEIRO - Porque Políbio não te era nada.

ÉDIPO - Não foi Políbio quem me gerou?

MENSAGEIRO - Tanto como eu. Nada mais.

ÉDIPO - Como seria, aquele que me gerou, tanto como quem nada tem comigo?

MENSAGEIRO - Nem eu nem ele te geramos.

ÉDIPO - Por que me tratava ele então como filho?

MENSAGEIRO - Vais já sabê-lo: das minhas próprias mãos te recebeu.

ÉDIPO - E gostou tanto de quem tinha recebido de mãos estranhas?

MENSAGEIRO - Gostou, porque não tinha filhos.

ÉDIPO - E compraste-me para me dar ou encontraste-me por acaso?

MENSAGEIRO - Encontrei-te nos desfiladeiros do Citero, entre as árvores.

ÉDIPO - Que fazias tu por lá?

MENSAGEIRO - Guardava os rebanhos que andavam pelos montes.

ÉDIPO - Eras um pastor, um criado, e vivias como um vagabundo?

MENSAGEIRO - Foi nesse tempo que te salvei, Senhor.

ÉDIPO - E de que mal sofria eu para tu me socorreres?

MENSAGEIRO - Pergunta-o a teus pés.

ÉDIPO - Ó deuses! Por que me falas dessa tristeza?!

MENSAGEIRO - Desatei-te os pés.

ÉDIPO - Tenho efetivamente esses sinais desde pequeno, o que pouco me apraz.

MENSAGEIRO - É por isso que te deram o nome que tens.

ÉDIPO - Pelos deuses! Dize-me se foi por ordem do meu pai ou da minha mãe.

MENSAGEIRO - Não sei. Deve sabê-lo melhor aquele que te deu a mim.

ÉDIPO - Recebeste-me então doutro? Não me encontraste tu próprio?

MENSAGEIRO - Não te encontrei; foi um outro pastor que a mim te deu.

ÉDIPO - Que é ele? Podes nomear-me?

MENSAGEIRO - Dizia-se servo de Laio.

ÉDIPO - Daquele que outrora foi rei desta terra?

MENSAGEIRO - Exatamente. Era pastor desse rei.

ÉDIPO - Ainda vive? Poderei vê-lo?

MENSAGEIRO - Vós que habitais esta região deveis sabê-lo melhor do que eu.

ÉDIPO - Há algum dentre vós aqui presentes que conheça o passado de que ele fala, na cidade ou no campo? Respondei, porque chegou a hora de se aclarar tudo isto.

CORO - Julgo que será o mesmo camponês que tu desejavas ver; mas é Jocasta que o poderá dizer melhor que todos.

ÉDIPO - Mulher, parece-te que o homem a quem demos ordem de vir aqui seja o mesmo a que este se refere?

JOCASTA - De quem falou ele? Não te inquietes, não te lembres de suas vãs palavras.

ÉDIPO - É impossível que, com tais indícios, eu não esclareça a minha origem.

JOCASTA - Pelos deuses! Se te importas com a vida não procures mais. Basta que eu sofra.

ÉDIPO - Coragem! Não ficarias em má situação mesmo que se descobrisse que tenho sobre mim três gerações de escravos.

JOCASTA - Mas escuta-me, Édipo: não o faças.

ÉDIPO - Não consentirei em abandonar a minha busca.

JOCASTA - É a boa vontade que me leva a aconselhar-te melhor.

ÉDIPO - Já há muito tempo me desagradavam esses excelentes conselhos.

JOCASTA - Ó desgraçado! Oxalá nunca saibas quem és!

ÉDIPO - Ninguém me traz então esse pastor? Deixam-na gloriar-se da sua origem.

JOCASTA - Ó infeliz! É o único nome que te posso dar. E de agora por diante nada mais ouvirás de mim.

(Retira-se)

CORO - Ó Édipo, por que se retira ele, cheia de uma dor terrível? Receio que grandes males venham deste silêncio.

ÉDIPO - Venha o que vier, quero conhecer a minha origem, por mais obscura que seja. É mulher, portanto orgulhosa, e tem talvez vergonha da vulgaridade de meus pais. Mas eu sou o filho ditoso do destino e não tenho medo de tal desonra. A sorte é minha mãe e o desenrolar dos meses de humilde me fez grande. Com tal princípio, que me importa agora o resto? Por que não hei de saber donde venho?

CORO - Se bem adivinho e se prevejo segundo os meus desejos, juro pelo Olimpo, ó Cítero, que entro de outra lua cheia te havemos de venerar como ao pai e criador e patrício de Édipo e te havemos de celebrar em coros por teres trazido a prosperidade aos nossos reis! Febo, que afastas o mal, oxalá se realize este meu desejo!

Ó meu filho, que deusa te gerou, unindo-se a Pã, vagabundos pelos montes, ou a Lóxias, que adora os cumes arborizados? Foi o rei e Cilene ou o deus Baco que te recebeu de alguma das Ninfas do Hélicon, companheiras de seus jogos?

(Aparece um velho pastor, servo de Laio, a quem Jocasta mandara chamar)

ÉDIPO - Se eu posso, ó velho, reconhecer um homem com quem nunca vivi, parece-me ver naquele pastor de que estamos à espera há tanto tempo. A sua velhice lembra a idade desse homem e reconheço como meus servos aqueles que o trazem; mas tu, que já viste esse pastor, farás juízo mais seguro.

CORO - Não tenhas dúvidas; é ele; bem o reconheço. Pertencia a Laio e era o pastor mais fiel que ele tinha.

ÉDIPO - Responde tu primeiro, coríntio. É este o homem de que falaste?

MENSAGEIRO - É esse mesmo.

ÉDIPO - Velho, olha bem para mim e responde ao que te perguntar. Eras o servo de Laio?

SERVO - Era seu escravo; não me comprou, nasci no palácio.

ÉDIPO - Qual era o teu trabalho? Que fazias tu nesse tempo?

SERVO - Passei a maior parte da minha vida a apascentar os rebanhos.

ÉDIPO - Por que sítios andavas mais?

SERVO - Pelo Citero e cercanias.

ÉDIPO - Lembras-te de ter conhecido este homem?

SERVO - Quem era ele? De que homem falas?

ÉDIPO - Deste aqui. Nunca o encontraste?

SERVO - Pelo menos não o vi o bastante para me lembrar.

MENSAGEIRO - É natural, Senhor; mas vou reavivar-lhe na memória o que dela se apagou; tenho a certeza de que se deve lembrar de que andávamos os dois pelo Citero, eu com um só rebanho, ele com dois, durante três meses completos, desde a Primavera, ao aparecimento de Arcturo, no Inverno, levava eu os rebanhos para os redes que me pertenciam, ele conduzia os seus para os de Laio. É verdade o que digo ou não?

SERVO - O que dizes é verdade; mas foi já há muito tempo.

MENSAGEIRO - Vamos, fala; lembras-te de me ter dado um menino para eu criar como se fosse meu?

SERVO - Que há? Por que me interrogas assim?

MENSAGEIRO - Eis aqui, amigo, o menino desse tempo.

SERVO - Que desgraça vais provocar! Vê se te calas!

ÉDIPO - Não censure este homem, velho! São as tuas palavras, não as dele, que merecem repreensão.

SERVO - Em que errei eu, Senhor?

ÉDIPO - Em não dizeres nada do menino de que ele fala.

SERVO - Fala às cegas e é inútil tanta preocupação.

ÉDIPO - Pois falarás a bem ou a mal.

SERVO - Pelos deuses te rogo, Senhor! Não batas num velho!

ÉDIPO - Atem-lhe já as mãos atrás das costas!

SERVO - Ai de mim! Que desgraçado sou! E porquê? Que queres tu saber?

ÉDIPO - Deste-lhe essa criança a que se refere?

SERVO - Dei-lha, verdade. Oxalá os deuses me tivessem matado nesse dia!

ÉDIPO - É o que te vai acontecer, se não disseres as verdade.

SERVO - Mais cedo morrerei se falar.

ÉDIPO - Parece-me que este homem só procura ganhar tempo.

SERVO - Não, Senhor. Já disse que lha tinha dado.

ÉDIPO - Onde a foste buscar? Era tua ou de outrem?

SERVO - Não era minha; tinha-a recebido de alguém.

ÉDIPO - De que cidadão? De que casa?

SERVO - Pelos deuses, Senhor! Não perguntes mais?

ÉDIPO - Se tenho de repetir a pergunta, mato-te.

SERVO - Pois bem! Era um menino do palácio de Laio.

ÉDIPO - Era um escravo ou mesmo da família de Laio?

SERVO - Ó deuses! É a coisa mais horrível para mim!

ÉDIPO - E para mim também. Mas tenho de ouvi-la.

SERVO - Dizia-se que era filho de Laio. Mas tua mulher que está no palácio poderá explicar-te muito melhor como tudo se passou.

ÉDIPO - Foi ela própria quem te entregou a criança?

SERVO - Foi ela, ó Rei.

ÉDIPO - Com que intenção?

SERVO - Para eu a matar.

ÉDIPO - Ela! A mãe! Ó desgraçada!

SERVO - Temia oráculos terríveis!

ÉDIPO - Que oráculos?

SERVO - Estava predestinado que mataria seus pais.

ÉDIPO - Por que a deste a este velho?

SERVO - Tive pena, Senhor. Julguei que levaria a criança para terras estranhas: mas salvou-a para grandes desgraças. Se tu és o mesmo, fica sabendo que és bem infeliz.

ÉDIPO - Ai de mim! Ai de mim! Tudo é claro agora! Ó luz do dia, vejo-te pela última vez, eu que nasci de quem não devia nascer, e me casei com quem não devia casar-me e matei quem não devia matar!

(Reentra no palácio)

CORO - Ó geração dos mortais, a vossa vida nada é a meus olhos. A maior felicidade para um homem é a de parecer feliz e de logo morrer. Vejo o teu destino, a tua sorte, infeliz Édipo, e afirmo que nada há de ditoso para os mortais.

Levaste o teu desejo além de tudo e couberam-te esplêndidas riquezas. Dominaste a Profetisa, a Virgem das garras recurvadas, e foste, por Zeus, muralha da pátria, a defesa dos cidadãos contra a morte; fizeram-te rei, revestiram-te de altíssimas honrarias e és o chefe da grande Tebas.

E agora, se bem compreendemos, quem é mais desgraçado do que tu? A quem lançaram as mudanças da vida em desastres mais terríveis? Ó Édipo ilustre, a quem bastou uma só mulher para seres filho e marido, como pôde a esposa de teu pai suportar-te em silêncio durante tanto tempo?

Mas esse mesmo tempo, que tudo vê, tudo te revelou contra vontade tua, e condena as núpcias abomináveis que te fizeram pai e filho. Ó filho de Laio, oxalá nunca te tivesse visto, porque bem te lamento. Mas a verdade, sempre a direi: foi por ti que respirei, foi por ti que pude adormecer.

ARAUTO - *(vindo do palácio)* Ó vós que sois os homens mais honrados desta terra, que ação ides saber e ver, que lamentos soltareis, se, como é natural em pessoas da mesma raça, ainda vos interessais pela casa dos Labdácidas! Creio, com efeito, que nem o Istro nem o Fásis poderiam lavar as inextinguíveis impurezas que o palácio esconde e as que por si próprias se revelarão à luz. Os males mais terríveis são aqueles que cada um faz a si próprio.

CORO - Já são bem duros os que nós conhecemos. Que mais nos anunciais?

ARAUTO - Tudo vos direi em brevíssimas palavras: Jocasta morreu.

CORO - Oh! Desgraçada! E qual foi a causa da morte?

ARAUTO - Ela mesma. Ignorais, porque não o vistes, o que nisto há de mais horrível; mas vou dizer-vos tudo o que me lembrar do seu infeliz destino. Mal penetrou no vestibulo, cheia de desespero, foi direita ao quarto nupcial, arrancando os cabelos com as mãos; depois de entrar, fechou violentamente as portas por dentro e invocou Laio, morto há muito, e a recordação do casamento de que saiu este filho que devia matar seu pai e ter filhos de sua mãe, em vergonhosas núpcias. Chorou sobre o leito em que, duplamente infeliz, teve um marido dum marido e filhos dum filho. Depois, não sei como morreu; sei apenas que Édipo se precipitou gritando e que não pude ver o fim de Jocasta, porque olhava para ele que corria de um lado para o outro. Ia e vinha, a clamar por uma espada, a procurar a mulher que não era sua mulher, mas sua mãe e mãe dos seus filhos. Algum dos deuses lhe alumiu a loucura, porque nenhum de nós o fez; com gritos medonhos, e como se lhe tivessem mostrado o caminho, atirou-se de encontro ‘as portas, arrancou os batentes dos gonzos e lançou-se no quarto, onde vimos sua mulher suspensa da corda que a estrangulava. Ao vê-la assim, o desgraçado estremeceu de horror e desprendeu a corda; a infeliz caiu. Então, passou-se uma coisa terrível: arrancou o alfinete de ouro do vestido de Jocasta e furou os olhos, dizendo que não mais veriam os que ele não devia ver, nem reconheceriam os que ele ainda queria ver; no meio das imprecações, feria uma e outra vez os olhos, em sangue, escorriam-lhe pelas faces; não saíam deles apenas gotas de sangue: era um derrame escuro, era sangue em torrentes. A desgraça não caiu só sobre um dos esposos; os dois uniram seus males. Tiveram, de fato, uma felicidade verdadeira, em outros tempos; hoje, porém, nada falta em desventura, lamentos e desastres, mortes e desonras.

CORO - E que faz agora o infeliz no meio de suas desgraças?

ARAUTO - Grita que lhe abram as portas e mostrem a todos os Cadmeios o assassino de seu próprio pai, aquele cuja mãe... Não, não posso repetir as palavras ímpias. Quer que o expulsem da terra; recusa-se a ficar por mais tempo neste palácio, manchado pelas imprecações de que se cobriu. Mas falta-lhe um amparo e um guia, porque é enorme a violência da sua dor e não pode suportá-la. Tudo verás dentro em pouco; abrem-se os batentes das portas e vais assistir a um espetáculo que excitaria até a piedade de um inimigo.

(Édipo reaparece com o rosto ensanguentado e as órbitas dos olhos vazias)

CORO - Oh!, que desgraça medonha para os homens! A mais terrível de todas as que tenho visto! Que loucura foi essa, desgraçado? Que deus te tornou pior ainda, com tais males, a sorte a que um mau destino condena? Embora deseje interrogar-te sobre muitas coisas, não posso olhar-te, não posso ver-te, não posso ouvir-te, tal é o horror que me fazes!

ÉDIPO - Ai de mim! Ai de mim! Como sou desgraçado. Para onde vou eu? Para onde vai a minha voz? Ó deuses, onde me lançastes?

CORO - Numa infelicidade horrível que não se pode ouvir nem ver.

ÉDIPO - Ó trevas execráveis da noite que sobre mim caíste, lamentáveis, invencíveis, sem remédio! Ai de mim! Ai de mim! Ao mesmo tempo me despedaçam as dores dos meus olhos e a lembrança dos meus crimes!

CORO - Não é decerto de admirar que, sob tanta desgraça, sintas duplas dores e te esmague um duplo peso.

ÉDIPO - Ó meu amigo! Ainda me serves fielmente! Ainda cuidas do pobre cego! Ai! Ai! Sei que estás aí! Envolve-me as trevas, mas reconheço a tua voz!

CORO - A violência te entregaste! Como ousaste arrancar os olhos! Que deus te impeliu?

ÉDIPO - Foi Apolo, foi Apolo, meus amigos, quem me inflingiu estas desgraças, todas estas desgraças; mas ninguém me feriu, a não ser eu. Que me importava ver, se nada me era agradável à vista?

CORO - É bem verdade o que dizes.

ÉDIPO - Ah! Meus amigos! Que me ficou para ver e amar? Teria algum prazer em falar com alguém? Levai-me já para longe daqui! Levai, amigos, este criminoso, este homem votado a todas as execrações, este mortal que é de todos os mortais o que maior horror faz aos deuses!

CORO - Ó infeliz, infeliz pela desgraça e pelo pensamento da desgraça, oxalá nunca te tivesse conhecido!

ÉDIPO - Maldito seja o que me desatou os pés cruelmente amarrados e me salvou da morte! Em nada te estou grato; se tivesse morrido nessa altura, não teria provocado tais dores, aos meus amigos e a mim!

CORO - Melhor seria na verdade.

ÉDIPO - Não teria vindo a ser assassino de meu pai; não diriam de mim que fui o marido da que me deu a vida. Ah! Ímpio, filho de ímpios! Ah! Miserável! Que dormiste com quem te concebeu! E se há alguma desgraça mais terrível do que esta, Édipo a sofreu!

CORO - Não posso louvar a tua resolução; mais valeria para ti não viver do que ser cego.

ÉDIPO - Não tentes provar-me que não procedi bem, não me dêis mais conselhos. Não sei com que olhos poderia contemplar, depois de descer ao Hades, meu pai e minha desgraçada mãe, contra quem cometi abomináveis crimes, daqueles que a morte não expia. E que gosto teria eu em ver meus filhos que nasceram de igual modo? Não, não, nunca mais. Nem ver a cidade, as muralhas e as imagens sagradas dos deuses, de que eu próprio me privei, desgraçado de mim! Quando, em toda a minha glória, ordenei que se expulsasse o ímpio, da família de Laio e odioso aos deuses! Poderia olhá-los tranquilo

depois de patentear uma tal impureza? Ah! Decerto que não. E pudera eu cerrar os ouvidos, que não tardaria fazê-lo! Era o corpo inteiro que eu queria fechar, tornando-me surdo e cego ao mesmo tempo; como é bom nada sentir de seus males! Ó Citero, por que me escolheste tu? Por que não me mataste logo, para eu não revelar aos homens quem eram os meus pais? Ó Políbio! Ó Corinto! Ó velho palácio, ó palácio que dizem de meus pais! Como me criaste, cheio de dores sob a aparência da beleza! Agora não sou mais que um criminoso, gerado por criminosos. Ó encruzilhada, ó vale sombrio, ó bosques de carvalhos, ó estreito passo a que vão dar as estradas! Ainda vos lembrais de mim, e do crime cometido? Ó núpcias, núpcias! Vós me destes o ser, depois me unistes a minha mãe e trouxeste à luz do dia pais, irmão e filhos, uma noiva esposa e mãe, as máculas mais vergonhosas que existem entre os homens!

Mas visto que não é lícito falar dos feitos de ignomínia, pelos deuses vos rofo que me escondais em qualquer sítio da cidade, ou nos montes, ou me lanceis ao mar, onde não mais me possais ver. Vinde! Não desdenheis aproximar-vos de um desgraçado! Acedei! Nada temais! Nenhum mortal, a não ser eu, poderia suportar tais horrores!

(Surge Creonte)

CORO - Eis aí Creonte que vem autorizar o que pedes e aconselhar-te. Só ele pode ser, depois de ti, o protetor da terra.

ÉDIPO - Ai de mim! Que palavras lhe hei de dirigir? Que confiança posso ter naquele que insultei há pouco ainda?

CREONTE - Não venho junto de ti, Édipo, nem para te escarnecer, nem para censurar os crimes antigos. Mas, se não respeitamos a raça dos homens, respeitamos ao menos o fogo de Hélios que tudo alimenta, e não revelemos as impiedades que não suportam nem a terra, nem a chuva sagrada, nem a própria luz. Levem-no já para o palácio. É bom e justo que só os parentes ouçam e vejam os males dos parentes.

ÉDIPO - Ah! Pelos deuses! Já que foste diferente do que eu esperava e te aproximaste, tu, o homem honestíssimo, do mais miserável dos homens, ouve o que tenho a dizer-te; por ti falo, não por mim.

CREONTE - Que queres tu que eu faça?

ÉDIPO - Que me lances imediatamente fora da terra, num lugar em que não possa falar a nenhum dos mortais.

CREONTE - Fique sabendo que o já teria feito, se não quisesse primeiro perguntar ao deus como devo proceder.

ÉDIPO - As suas palavras são claras para todos: devem matar-me, a mim, parricida e ímpio.

CREONTE - Tais são as palavras, sem dúvida; no entanto, dado o que se passou, acho melhor que se pergunte o que há a fazer.

ÉDIPO - Vais interrogá-lo a meu respeito, a respeito deste infeliz?

CREONTE - Certamente; e agora terás de acreditar no oráculo.

ÉDIPO - Suplico-te! Suplico-te que mandes enterrar como quiseres essa mulher que está lá dentro, no palácio; todos te louvarão por teres cumprido este dever com os teus. Quanto a mim, não deve a cidade de meus pais guardar-me vivo. Deixa-me ir viver nas montanhas, no Citero, minha única terra naquela em que meu pai e minha mãe me tinham destinado a cova; hei de morrer como eles queriam que morresse. Só sei ao certo que não morrerei de doença, nem de maneira vulgar; se agora me livro de morrer, é porque devo acabar alguma terrível desgraça. Será o meu destino o que tiver de ser. Não te preocupes com meus filhos, Creonte; já são homens; nunca lhes faltará de comer onde estiverem. Mas peço-te que cuides de minhas pobres filhas, de minhas desgraçadas filhas que nunca estiveram longe da minha mesa e nela sempre tiveram a sua parte. Rogo-te que as não abandones e, sobretudo te suplico que permitas que eu as toque com minhas mãos e que juntos deploremos a nossa desgraça. Senhor, Rei generoso, consente no que peço! Se lhes tocar com as mãos, hei de julgar que ainda as tenho como quando via. Mas que é isto? Pelos deuses! Não são minhas queridas filhas a chorar? Teria Creonte tido piedade de mim e ter-mas-ia enviando? É verdade?

CREONTE - É verdade. Eu mesmo as trouxe, quando soube que desejavas essa grande alegria.

(Entraram as duas filhas de Édipo, Antígona e Ismene)

ÉDIPO - Oxalá tenha todas as venturas! Oxalá um deus te proteja melhor do que a mim! Ó minhas filhas, onde estais? Vinde aqui, segurai-me nas mãos, nestas mãos de irmão que fizeram dos olhos brilhantes de vosso pai o que vedes agora! O vosso pai, filhas, que, sem ver nem saber, fecundou o ventre que o gerara. Por vós choro, sem vos ver, ao pensar na vida cruel que daqui por diante ides ter entre os homens. A que reuniões de cidadãos haveis vós de ir? A que festas? Voltareis para casa chorando, sem nenhum gosto do que vistes... E quando chegardes à idade de casar, quem ousará arrostar com as ignomínias que cobrirão de vergonha meus pais e os vossos? Que desgraça me foi poupada? Vosso pai matou o pai, juntou-se à mãe que o concebera e fez-vos nascer donde nasceu! Eis o que vos hão de lançar em rosto. Quem casará convosco? Ninguém, minhas filhas; morrereis virgens e estéreis. Ó filho de Meneceu, tu que és o único que lhes poderá servir de pai, depois que morreu quem as gerou, e morri eu também, não deixes que venham a mendigar, vagabundas, sem família, sem esposos e sem filhos! Não lhes dês uma desgraça igual a minha; tem piedade de raparigas tão novas que não tem outro amparo senão o teu! Promete-me, Senhor generoso, e dá-me a tua mão em penhor da promessa. Quanto a vós, minhas filhas, dar-vos-ia numerosos conselhos, se pudésseis compreender-me; assim, só farei o voto de que, seja qual for o ponto onde viverdes, gozeis de um destino mais propício do que aquele que te deve o pai que vos gerou.

CREONTE - Basta de lágrimas. Entra no palácio.

ÉDIPO - Ainda que me custe, é preciso obedecer.

CREONTE - É bom tudo o que se faz no tempo devido.

ÉDIPO - Sabes com que condição?

CREONTE - Dize-ma, para a ficar sabendo.

ÉDIPO - Com a de me mandares para longe desta terra.

CREONTE - O que tu pedes depende do deus.

ÉDIPO - Os deuses detestam-me.

CREONTE - Por isso mesmo conseguirás o que suplicas.

ÉDIPO - É verdade?

CREONTE - Não gosto de dizer o que não penso.

ÉDIPO - Leva-me então daqui.

CREONTE - Vem e deixa as tuas filhas.

ÉDIPO - Suplico-te que, mas não tires!

CREONTE - Não queiras possuir tudo; o que tiveste não te deu vida feliz.

(Creonte, Édipo e as filhas reentram no palácio)

CORO - Vede vós, ó habitantes de Tebas, minha pátria! Que tempestades de terríveis desgraças derrubou Édipo que adivinhou o enigma célebre, o homem poderosíssimo que nunca invejou os cidadãos, nem tinha receio da sorte! Enquanto se espera o dia último, ninguém deve dizer que um mortal foi feliz, antes que ele tenha, sem sofrimento, atingido o termo da existência.

www.desvendandoteatro.com